

EDITORIAL

Edson Nery da Fonseca

Membro da Comissão Editorial da revista *Ciência da Informação*

Usuário de bibliotecas, as cinco leis de Ranganathan, sistemas de informação, elaboração de tesouros, comunicação científica, paradigmas teóricos, indexação automática, automação de bibliotecas, bibliometria, literatura cinzenta, índice de consulta simultânea, informação para a indústria são os temas contemplados neste número. Há algumas décadas, eles seriam disputados pela Biblioteconomia, pela Documentação e pela Ciência da Informação. Era tempo da unicidisciplinaridade e dos conflitos nas fronteiras das especializações. Hoje as fronteiras caíram e as disciplinas convivem de "mãos dadas", como o poeta implorava aos homens do "tempo presente".

Quando se começou a falar em documentação, muita gente saiu em defesa da Bibliografia e da Biblioteconomia, como se tais áreas esti-

vessem ameaçadas por uma espécie de seres extraterrestres: os documentalistas com suas máquinas. Como o conceito de documentação surgiu na Europa, bibliotecários norte-americanos a ele se opuseram, sendo significativa, como exemplo dessa oposição, a obra coletiva de 1951 *Bibliographic organization*, organizada por Josse H. Shera e Margaret E. Egan, em cujo índice há esta curiosa entrada remissiva: *Documentation; see Bibliographic organization*.

Mas os documentalistas não desistiram, e em 1952 Mortimer Taube fundava em Washington, DC, a empresa Documentation Incorporated. Quatro anos depois, publicava-se outra obra coletiva, também organizada por Shera e Egan, com o expressivo título *Documentation in action*. A palavra documentação, entretanto, acabou definitivamente ba-

nida com a consagração da frase *library and information science* em nomes de conceituadas instituições e nos títulos de importantes obras, como, por exemplo, a *Encyclopaedia of Library and Information Science*. O American Documentation Institute passou a chamar-se American Society for Information Science, e, no Brasil, o IBBD transformou-se em IBICT.

Trata-se da palavra, e não a coisa em si, pois a Biblioteconomia e a Ciência da Informação de uns não é mais do que a Documentação de outros e vice-versa. Já em sua obra *Les Sources du travail bibliographique*, dizia Louise-Noëlle Malclès que a Documentação é a Bibliografia modificada em seu conteúdo e acelerada em sua marcha. Modificada em seu conteúdo, porque passou a resumir (e não apenas referendar) menos livros do que artigos de periódicos, teses, relatórios e outros documentos não bibliográficos; acelerada em sua marcha, por caminhar ao lado dos fatos, e não atrás deles, como a Bibliografia tradicional.

O importante é que as especializações se inter-relacionem, ao invés de se excluírem. É preciso ver os fenômenos de modo holístico, e não fragmentados. Eis o ideal pelo qual lutou a vida inteira o bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, homenageado na capa deste número, a propósito do excelente artigo da professora Nice Menezes de Figueiredo sobre a atualidade das cinco leis da Biblioteconomia por ele estabelecidas. O ideal do *One World*, como ele mesmo disse na Conferência Internacional de Elsinore, é um mundo unificado pela classificação facetada e pela indexação-em-cadeia que elaborou, as quais representam duas de suas maiores contribuições à Biblioteconomia e à Documentação.

Recorde-se que em 1972, por ocasião da morte de Ranganathan, esta revista publicou um artigo in *memoriam*, escrito pelo classificacionista brasileiro, também infelizmente já falecido, Abner Lellis Correa Vicentini. A morte dos gênios, entretanto, é aparente. Ranganathan continua vivo no exemplo e nas obras que deixou.